

## 6. Considerações finais

Buscou-se com essa dissertação verificar a relação entre a violência conjugal e a transmissão psíquica geracional, dando importância também aos aspectos históricos, individuais e sociais. O objetivo principal foi investigar em que medida a violência seria transmitida de uma geração à outra, identificando se houve hostilidade na família de origem. Concomitantemente, pretendeu-se compreender a conceituação que as vítimas fizeram da violência, assim como quais modalidades elas sofreram e como esse fenômeno influenciou a vida das mesmas.

Não obstante a reiterada discussão sobre a violência conjugal, justifica-se abordá-la sempre, por sua gravidade e presença diária na sociedade. Torna-se relevante estudar seus diversos matizes, uma vez que sua reprodução traz graves problemas às vítimas e também à família. Analisar a influência familiar na produção da violência é importante, uma vez que a família é o primeiro e mais significativo contato com o social do sujeito. Assim, quando adoecida, pode dificultar a saúde de seus membros. Inclusive, a mulher que sofre maus tratos de seu companheiro poderá não estar disponível a cuidar satisfatoriamente dos filhos, tendo em vista o sofrimento físico e emocional, além de esses sofrerem por testemunhar as agressões parentais.

Ao realizar esse estudo, inúmeros desafios estiveram presentes. O primeiro deles foi como entrevistar as participantes, uma vez que esse é um tema que as vítimas costumam manter em segredo. Ao escolher o método de entrevista por internet acreditava-se que teria maior facilidade, pois esse método evitaria o constrangimento do contato direto, o que, de alguma forma, pareceu verdade. No entanto, o tema pareceu ser complicado de ser abordado pelas mulheres, não somen-

te pela vergonha, mas também pela mobilização emocional pela qual passam ao relatar a história da violência. Foram marcadas inúmeras entrevistas em que as mulheres não compareceram. Depois quando se enviava um e-mail para saber o motivo da ausência, algumas respondiam que não queriam falar sobre o assunto. Outras expuseram estar sem tempo ou não contestaram mais. Uma participante, no meio do bate-papo, pediu para parar e remarcar para o dia seguinte, porém não compareceu e, alguns dias depois, ela informou que o assunto era difícil e não terminamos a entrevista. Por isso também, só conseguiu-se nove entrevistadas.

Outra dificuldade foi que os encontros em programas de conversação pela internet requereram muito tempo e parece ter sido bem cansativo para as mulheres. Ao contrário do contato pessoal, a entrevista pela internet exige mais das partes por sua própria dinâmica de perguntas e respostas digitadas, precisa-se escrever e esperar o outro responder, alongando o tempo, de forma a cansar a participante. Por isso, em muitas entrevistas não foi possível aprofundar algumas questões importantes, como a história dos antepassados. Quando chegava nesse assunto, havia a queixa de cansaço ou do tempo de entrevista, o que fez por vezes terminar o encontro. Para outros estudos, talvez possa ser importante ser mais objetiva nas perguntas mais importantes, ou mesmo, fazê-las inicialmente. Também pode ser interessante fazer um pequeno questionário junto com o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os dados pessoais e objetivos sejam coletados antes, diminuindo possivelmente o tempo de entrevista.

Por último, o tema também foi um desafio importante. Isso porque, ao entrevistar essas mulheres, sentimentos contratransferenciais estiveram presentes. Muitas vezes, foi necessário utilizar técnicas de respiração para poder continuar os bate-papos e se afastar um pouco da demanda de solução dos problemas, colocada

pelas entrevistadas. Muitas cenas relatadas foram impactantes e a própria maneira de se contar a história, aparentemente neutra e corriqueira, assustou a pesquisadora. Com isso, parece ser muito relevante que os profissionais estejam atentos aos seus sentimentos ao atender tais pacientes. Por vezes, a mestranda foi chamada ao lugar daquela que resolveria a situação da mulher. Por exemplo, duas entrevistadas, por diversas vezes, falavam das suas dificuldades emocionais e perguntavam o que elas deveriam fazer. Colocavam a entrevistadora no lugar de salvadora de seus problemas, em uma tentativa de se livrarem do problema rapidamente, porém com pouca participação das mesmas na resolução.

Em relação à parte teórica, primeiro abordou-se o conceito de violência contra a mulher no Brasil. Ele foi construído a partir de inúmeras ideologias, mitos e crenças estabelecidos desde a colonização, em que se acreditava que a mulher deveria ser submissa ao homem, que era possuidor de plenos poderes sobre ela. O relacionamento conjugal no Brasil, estabelecido por diversas construções sociais, foi lentamente se modificando até, finalmente, serem condenados os atos violentos contra a mulher. No entanto, apesar do estabelecimento de leis e de programas de desincentivo à violência, observa-se que novos e velhos paradigmas coabitam na sociedade. Assim, apesar de censurada, a violência continua sendo frequente entre os membros dos casais.

Tem-se estudado o tema por meio do uso de diversos conceitos como violência conjugal, doméstica, de gênero ou no casal. Apesar de aparentemente referirem ao mesmo fenômeno, parece que cada um tem relação com a ideologia do seu porta-voz. Parece que quando se deseja enfatizar a submissão da mulher, são utilizados os termos “contra a mulher” ou “de gênero”; quando se deseja realçar a família se utiliza o adjetivo “doméstica”, e quando se pretende sublinhar a relação

entre os cônjuges para perpetuação da agressão, são empregados os complementos “conjugal” e “no casal”. Apesar de os aspectos de submissão poderem estar presentes e produzir desigualdade entre os parceiros, na violência há a co-participação de ambos os cônjuges para a criação e manutenção da mesma. Contudo, dentro desse panorama, também colabora a história familiar de cada membro. Por isso, foi articulada a violência com a transmissão psíquica geracional na esfera conjugal, sabendo que há influência das gerações anteriores sobre a violência familiar.

Por meio da pesquisa de campo, foi possível delinear a configuração da violência na vida das participantes, observando sua complexidade. Elas expuseram que sofrem múltiplas agressões físicas e que é habitual os parceiros adicionarem violências físicas às psicológicas. A violência foi descrita como trágica e traumatizante, sendo a psicológica a mais perniciosa.

Houve nítida repetição da violência na família de origem, na constituída e até mesmo na família extensa, como tias, sobrinha e irmãos de, praticamente, todas as entrevistadas. Ela não passa despercebida pela família. Parece que o ambiente domiciliar hostil influenciou algumas participantes a se casarem na adolescência como forma de fuga. Além disso, algumas entrevistadas referiram que familiares agressivos sofreram ou testemunharam violência na infância. Vítimas de companheiros ou familiares também repetiram o padrão agressivo com os cônjuges ou os filhos.

Outra forma de repetição foi por meio das formas de abuso vivenciadas, que se apresentaram muito semelhantes às anteriores, sugerindo a existência de um padrão de transmissão das experiências de violências ao longo de gerações e um processo de identificação com os executores das agressões.

Muitos mecanismos de defesa parecem estar presentes na dinâmica conjugal hostil. Esses mecanismos acabam por proteger as mulheres frente ao sofrimento, mas também dificultam ver a situação de forma a usar a autoproteção. Por isso, considerando também a vivência de violência na infância, acabam por perder a sensibilidade em avaliar os relacionamentos e o qualificaram como satisfatório mesmo sendo agredidas periodicamente. Além disso, mesmo com consciência dos estragos da relação, se sentem dependentes do parceiro.

Ao finalizar esse estudo, considera-se a violência conjugal complexa, uma vez que, além dos aspectos culturais, de gênero, individuais e até possivelmente psicopatológicos, há perpetuação da violência na família. O sujeito, herdeiro de todas as histórias familiares, pertence ao grupo intersubjetivo que o antecede. Assim, parece ser de fundamental relevância dar visibilidade ao aspecto da transmissão da violência, tendo em vista a influência dos mecanismos identificatórios e da importância da busca de elaboração dos traumas transgeracionais. Apesar da importância das medidas coercitivas adotadas pelas autoridades públicas, parece que somente isso não produz mudanças efetivas. A psicologia, com suas ferramentas, pode ajudar através da terapia familiar, e mesmo em atendimentos individuais, a compreender melhor essa dinâmica. Por tudo isso, é importante, ainda, a realização de pesquisas sobre essa realidade a fim de aumentar a compreensão e propiciar a elaboração de metodologias para o trabalho com a violência em terapia de casal, individual e também na criação de propostas de intervenção na saúde pública.